

Iniciação à docência:

Uma análise da produção bibliográfica do subprojeto História PIBID/UFRGS (2014 – 2018)

Por Lidiane Malaguês Korpalski¹

Resumo

A presente comunicação pretende apresentar e analisar as produções bibliográficas realizadas pelos integrantes do subprojeto História PIBID/UFRGS entre os anos de 2014 e 2018 com o objetivo de dialogar com as experiências vividas em sala de aula, de aproximar o leitor do que está sendo construído e pensado pelos pibidianos durante o período analisado.

Palavras-chave: produção bibliográfica, PIBID, Ensino de História, iniciação à docência

Abstract

This paper intends to present and analyze the bibliographic productions made by the members of the PIBID / UFRGS History sub-project between the years 2014 and 2018 in order to dialogue with the experiences lived in the classroom, to bring the reader closer to what is being constructed and thought by the pibidians during the analyzed period.

Keywords: bibliographical production, PIBID, History Teaching, teaching initiation

Introdução

O subprojeto História PIBID/UFRGS faz parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), um programa de políticas públicas voltado para Iniciação à docência. Com o propósito de promover uma aproximação dos estudantes de licenciatura com as experiências e práticas docentes, o programa aproxima conhecimento acadêmico e ambiente escolar e promove um espaço de construção de saberes, onde, conforme Teixeira e Pacievitch (2016) diferentes atores sociais dialogam sobre os conhecimentos adquiridos em suas respectivas áreas de atuação. Esse espaço de diálogo propicia a construção de um dos objetivos do PIBID: aproximar teoria e prática. O contato e interação proporcionado pelo PIBID entre escola, universidade, alunos, pibidianos, professores universitários e professores da escola básica constrói um ambiente que faz refletir e questionar, auxiliando no desenvolvimento de novas práticas pedagógicas e de uma formação docente mais próxima da realidade escolar.

¹ Licenciando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) abriga o Pibid desde suas primeiras iniciativas e, atualmente, desenvolve o projeto 2014-2018. O subprojeto da Licenciatura em História tem como principal característica a união de professores de dois departamentos diferentes: o Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação (DEC/ Faced) e o Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (DH/IFCH). Tal estrutura reflete a intenção de aproximar docentes que, embora em unidades acadêmicas separadas, contribuem igualmente para a formação dos futuros professores de História. Ao mesmo tempo, a união orienta a forma como o subprojeto está organizado: o referencial teórico-metodológico está em constante construção e questionamento e cada grupo de bolsistas constrói de forma autônoma suas linhas de ação e de reflexão. (PACIEVITCH; TEIXEIRA, 2016, pp.144)

A síntese da apresentação das produções bibliográficas foi realizada a partir do estudo e organização dos dados presentes nos relatórios anuais das atividades do subprojeto História PIBID/UFRGS, entre os anos de 2014 e 2018, como: informações sobre a quantidade de trabalhos realizados, tipo de produção (relato, artigo ou resumo acadêmico), autoria e os principais temas abordados. Já a análise dos temas e referenciais bibliográficos utilizados foi produzida a partir de uma leitura analítica de todas essas produções bibliográficas contabilizadas: a divisão dos temas principais (Figura 1) levou em consideração o fato de que todos os assuntos abordados estão conectados, escolhendo para a divisão o tema central de cada texto. Além disso, optei pelo enfoque nos questionamentos que são suscitados a partir das experiências com novas abordagens e métodos para trabalhar com o saber histórico no ensino e não tanto nos conteúdos em si até por estarem todos relacionados com as temáticas das atividades principais do subprojeto: relações de poder (principalmente de gênero e étnico-raciais), ensino de História (principalmente de instrumentos de aprendizagem, novas práticas pedagógicas e interdisciplinaridade) e memoriais escolares. Os referenciais bibliográficos (Figura 3) tratados nessa comunicação foram escolhidos a partir de sua recorrência nos trabalhos dos pibidianos e também pelos conceitos que estão sendo abordados. Dessa forma, as divisões das sínteses apresentadas, seguiram o propósito de aproximar o leitor do que está sendo construído e pensado pelos pibidianos, através do diálogo com as experiências demonstradas nos trabalhos realizados durante o período analisado.

Análise das produções bibliográficas

Entre os anos de 2014 e 2018, foram contabilizadas cinquenta e três produções bibliográficas realizadas pelos pibidianos do subprojeto História (36 resumos acadêmicos, dentre eles 21 de relatos de experiência e 15 de artigos; 15 artigos; 1 relato de experiência e 1 pôster), sendo que dez artigos foram publicados em revista (Figura 1) e os demais trabalhos foram apresentados em seminários e eventos acadêmicos: Salão de Ensino da UFRGS, XX Jornada de História e Educação (FURG), XXI Jornada de História e Educação (UFRGS/UCS), XX Jornada do GT de Ensino de História da ANPUH/RS, Seminário institucional do PIBID/UFRGS, Seminário de Verão.

Figura 1 - Artigos publicados em revista

TÍTULO	AUTORIA	PUBLICAÇÃO	ANO
68 foi bala': memórias da resistência Juliana à Ditadura	Bárbara LAUXEN; Gabriel truccolo de LIMA; Lucas Porto AZEVEDO; Larissa GRISA	XX Jornada de Ensino de História e Educação: 20 Anos de Pesquisa em Ensino de História, 2014, Rio Grande. Caderno de Resumos 3 a 6 de novembro de 2014. Universidade Federal do Rio Grande - Furg. Rio Grande: FURG, 2014. v. 1. p. 71-72	2014
A docência em regime de colaboração: possibilidades e aprendizados	Fernando SEFFNER; Caroline PACIEVITCH; Francielle LUVISON	Seminário Internacional Prodocência UFRGS / Colóquio Nacional Pibid Ufrgs / X Seminário Institucional do Pibid Ufrgs	2014
Docências compartilhadas e formação dos professores no PIBID História/UFRGS.	Marcos Brum da SILVA; Otávio Klein TRAVI; Marcelo BAHNIS; Cassiano FRAGA	Seminário Internacional Prodocência UFRGS / Colóquio Nacional Pibid Ufrgs / X Seminário Institucional do Pibid Ufrgs	2014
Pensando outras perspectivas de história e a diversidade cultural através do brinquedo e das brincadeiras em diferentes espaços-tempos	André GUIMARÃES; Leonardo EGGRES; Roberta MELO; Carla MEINERZ	In: Identidade! São Leopoldo, v.20, n.1, p.38-50,2015	2015

Documentos Escolares: Organização e usos pedagógicos (um exercício no acervo do CAp/UFRGS)	Alejandro ROMERO; Benito SCHMIDT; Carlos JARENKOW	In: Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS (Online), v. 7, p. 79, 2015	2015
Música Negra como Resistência: África, Brasil e Estados Unidos	Bruno OLIVEIRA, Ribeiro; SANTOS, Davidos; LIMA, Gabriel Truccolo de.	XXI Jornada de Ensino de História e Educação, 2015, Caxias do Sul. XXI Jornada de Ensino de História e Educação, 2015. v. 2. p. 749-768	2015
Idade Média nos currículos escolares: as controvérsias nos debates sobre a BNCC	Igor S. TEIXEIRA; Nilton Mullet PEREIRA	In: Diálogos v. 20 n. 3 (2016), 16-29	2016
Coordenação de área no PIBID – Subprojeto História UFRGS: duplos caminhos na formação docente	Caroline PACIEVITCH; Igor TEIXEIRA	In: COSTELLA, R. Z.; HOFSTAETTER, A; STURM, I. N. e UBERTI, L. (Orgs). Percursos da prática de sala de aula. São Leopoldo: Oikos, 2016. pp. 143-154	2016
Nacirema – América: Impactos do PIBID na formação continuada de docentes e licenciandos a partir de trabalho na Escola Técnica Estadual Irmão Pedro/Porto Alegre	Franciele LUVISON; Otávio Klein TRAVI	In: COSTELLA, R. Z.; HOFSTAETTER, A; STURM, I. N. e UBERTI, L. (Orgs). Percursos da prática de sala de aula. São Leopoldo: Oikos, 2016. pp. 155-164	2016
Políticas Higienistas e o caso da Colônia Africana de Porto Alegre: o ensino de história pela análise de fontes no subprojeto História do PIBID-UFRGS	Guilherme Lauterbach PALERMO; Manuela Perondi PALVONI	In: PIBID em movimento: trânsitos e mixagens na formação inicial e continuada da docência / Organizadoras Andrea Hofstaetter, Luciane Uberti e Roselane Zordan Costella. – São Leopoldo: Oikos, 2017	2017

Fonte: Elaboração da autora a partir de dados retirados dos relatórios anuais do subprojeto História PIBID/UFRGS

O eixo temático principal (Figura 2) é composto por assuntos que foram recorrentes nas 53 produções bibliográficas. Esses temas foram construídos a partir das discussões e reuniões realizadas pelo subprojeto História PI-

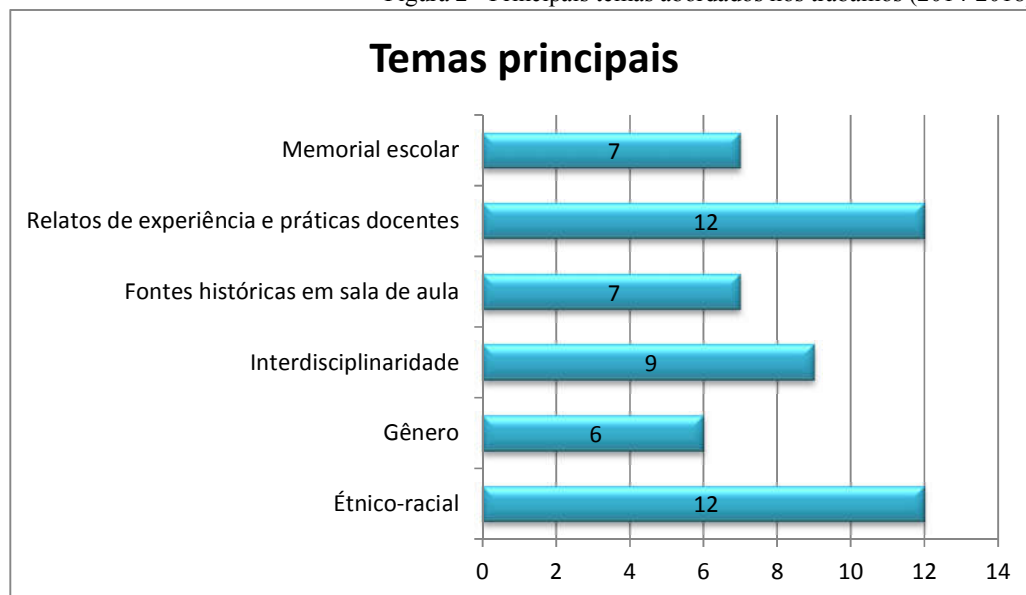
BID/UFRGS e pelo ambiente em que estão inseridos os pibidianos². As escolas Júlio de Castilhos e Colégio de Aplicação, por exemplo, suscitaram aos bolsistas ideias de trabalhar com a História do próprio ambiente escolar com o objetivo de tentar aproximar os alunos da História a partir dessa memória escolar. Outro tema recorrente foi a narrativa das experiências dos bolsistas em sala de aula, das práticas pedagógicas adotadas, como por exemplo, a utilização de músicas, filmes, pesquisa de opinião sempre com a intenção de aproximação com os alunos e também com a rotina escolar. Esses relatos demonstram as práticas docentes adotadas e quais questionamentos surgiram a partir dessas vivências nas salas de aula.

Uma prática bastante utilizada e pensada pelos pibidianos tratou-se da utilização de fontes históricas em sala de aula. Não mais vistas como símbolos da “verdade histórica”, as fontes estão sendo trabalhadas de forma com que os alunos aprendam a questionar e ver a História de uma forma mais crítica. Ao utilizar fontes históricas nas aulas, os pibidianos pretendem aumentar a capacidade de compreensão do assunto tratado, além de um maior envolvimento por parte dos alunos com o que está sendo ensinado. Os eixos temáticos envolvendo questões étnico-raciais e de gênero são reflexos da realidade social e buscam não apenas a construção de um respeito à diversidade cultural, e sim, também uma aproximação dos problemas vivenciados pelos alunos no próprio ambiente escolar. A desconstrução de preconceitos e discriminações pode ser vista com uma das obrigações sociais da História e parece estar bastante presente nos questionamentos e experiências dos pibidianos. A abordagem em forma de oficinas realizadas pelos bolsistas permitiram um engajamento e envolvimento dos alunos, que, passaram a refletir e questionar sobre gênero e sexualidade a partir de suas próprias experiências e dos colegas. Essas atividades trouxeram vivências enriquecedoras aos questionamentos sobre como tratar gênero e sexualidade na escola e em que medida o ensino de História pode oferecer uma maior compreensão dessas relações de poder. O recurso à interdisciplinaridade foi bastante refletido pelos bolsistas e trouxe um enriquecimento maior aos métodos utilizados por eles em suas aulas e em suas relações com os alunos. Apesar dessa divisão da temática principal é importante ressaltar que esses temas estão conectados nos trabalhos analisados e aparecem lado a lado: interdisciplinaridade e uso de fontes em sala de aula, gênero ou questões étnico-raciais sendo abordados a partir de novas práticas docentes como o uso de brinquedos e música, memorial escolar e uso de fontes históricas. Essa conexão

² Os integrantes do subprojeto História PIBID/UFRGS dividem-se em quatro escolas: Escola Estadual Técnica Irmão Pedro, Escola Estadual Coronel Affonso Emílio Massot, Colégio Estadual Júlio de Castilhos e Colégio de Aplicação da UFRGS.

evidencia o caráter dos saberes que estão sendo produzidos pelo subprojeto História.

Figura 2 - Principais temas abordados nos trabalhos (2014-2018)



Fonte: Elaboração da autora a partir de dados retirados dos relatórios anuais do subprojeto História PIBID/UFRGS

A leitura dos trabalhos dos pibidianos revela questões recorrentes que são relevantes para entendermos ao menos uma parte do caminho trilhado por eles nessas experiências de iniciação à docência: questionamentos sobre os livros didáticos, sobre como ver os alunos e a maneira de interagir com eles, sobre o saber histórico e a aprendizagem. Questões que se aproximam da produção acadêmica ao lidar com perspectivas históricas que ainda não estão presentes nos livros didáticos ou não da forma de deveriam, como por exemplo, o protagonismo dos negros e indígenas na História, a importância de se trabalhar com a história da sexualidade e relações de poder na escola, a história dos países latino-americanos, a potencialidade do lúdico na aprendizagem e também a importância de ensinar o método da História para que se possa realmente ensinar História.

Pretendo agora aprofundar a leitura dos temas principais a partir de uma abordagem conjunta, escolhendo alguns trabalhos do subprojeto História como referência. O trabalho intitulado *Música Negra como Resistência: África, Brasil e Estados Unidos* reflete sobre a experiência de uma abordagem em sala de aula que foge do viés econômico representado nos livros didáticos a partir do uso de fontes musicais:

A criação artística estimula a compreensão das condições sociais e a busca para transformá-las. (...) Compreender como a música pode ser tornar referência diária de uma população marginalizada estava como plano central dos debates e do entendimento das composições musicais como fontes históricas. O ensino de história abre grandes fronteiras para se pensar e analisar populações fora do eixo de poder político. Assim, o trabalho com fontes musicais nos possibilita conhecer as áreas marginalizadas da sociedade e, até mesmo, conhecermos as rotinas dos grupos citados nas composições. (OLIVEIRA; SANTOS; LIMA, pp. 10)

Além disso, o objetivo principal do artigo foi destacar o protagonismo negro e buscou dar voz aos próprios atores sociais envolvidos nos conteúdos trabalhos com os alunos, como por exemplo, a apresentação de algumas músicas de José Schwartz (músico e militante Movimentos de libertação em Guiné-Bissau) e outros artistas:

Letras como essa, mostradas aos alunos, servem de fermento ao diálogo professor/estudante. Na composição pode-se trabalhar o tema da violência do colonizador, da dor e da tristeza dos colonizados expressos em canção. Em outras letras é possível deixar demonstrar o desejo de libertação, de resistir e expulsar os colonizadores e da esperança em se construir um país e uma vida melhor. (...) Além de apresentarem os anseios dos homens e mulheres que foram agentes na independência de seus países as músicas causavam um bom estranhamento. Os alunos podiam ouvir e interagir com ritmos musicais aos quais não estão acostumados e com uma língua diferente. (OLIVEIRA; SANTOS; LIMA, pp. 6)

O artigo intitulado *Pensando outras perspectivas de História e a diversidade cultural a partir do brinquedo e das brincadeiras em diferentes espaços-tempos*, relata a experiência de trabalhar com os “jogos e as brincadeiras para tratar das histórias e culturas indígenas e a africanas, reconhecendo o potencial presente na apropriação do lúdico em experimentações pedagógicas de construção do conhecimento histórico na escola” (GUIMARÃES; EGGRES; MELO; MEINERZ, 2015, P. 38).

A capacidade da ludicidade para estimular a aprendizagem atrai os alunos através da conexão de fazer o que os sujeitos históricos faziam. A brincadeira está presente em todas as sociedades e por isso tem o poder de conectar pessoas de diferentes espaços-tempos, diminuindo assim a distância entre os alunos e os povos indígenas e negros:

O desafio de destacar as culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras na prática docente pode ser pensado através de alternativas didáticas capazes de desenvolver o diálogo entre o educador e o educando. Nesse sentido, os brinquedos possibilitam o processo de tradução e apropriação das diferentes culturas abordadas na oficina, mos-

trando-se fundamentais para pensarmos o quão somos dotados de sentidos e significações, não necessariamente universais. (GUIMARÃES; EGGRES; MELO; MEINERZ, 2015, pp. 44)

O artigo intitulado *Políticas Higienistas e o caso da Colônia Africana de Porto Alegre: o ensino de história pela análise de fontes no subprojeto História do PIBID-UFRGS*, reflete sobre a experiência de dar aulas sobre a cidade de Porto Alegre e a história dos povos negros com a utilização de diferentes fontes históricas (recorte de jornal, mapas, leis, testemunhos, pesquisas acadêmicas, fotos e glossários).

Ensinar História no Ensino Médio perpassa a compreensão e a problematização de temas essenciais para a cidadania. Portanto, é trabalho da disciplina de História fornecer condições para que os jovens possam refletir criticamente sobre suas experiências, e para identificarem as relações de outros sujeitos, ao longo do tempo, de lugares e de culturas diversas. (PALERMO; PAVONI, 2017, pp. 165)

Ao utilizar documentos históricos como recortes de jornal, testemunhos ou fotos nas aulas suscita o interesse dos alunos através da empatia e sustenta uma conexão a partir da construção de um conhecimento mais profundo de como a História era “sentida” pelos sujeitos que estavam passando por aqueles momentos históricos.

Com essa atividade, foi possível perceber muitos/as alunos/as se enxergando dentro do processo histórico estudado. E ao se enxergarem, foi possível que estimulassem as relações de tramas que ligam o passado com o presente, na perspectiva do vínculo de responsabilidade com nossas trajetórias de vida, principalmente no que se refere aos privilégios de ser branco e homem na sociedade brasileira, esses que foram e são mantidos pela exploração de classes sociais e racismo. (PALERMO; PAVONI, 2017, pp. 165)

Algo bastante comum nos trabalhos é o posicionamento de indagar-se sobre a natureza do próprio ambiente escolar, tanto como espaço de socialização importante, quanto de construção de memórias e discursos próprios. A visão da escola como espaço vivo, que possibilita a ação transformadora:

É na escola que crianças e jovens passam grande parte de seu cotidiano, experimentando relações de socialização e de sociabilidade marcadas pelos tensionamentos das sociedades em que se desenvolvem como sujeitos históricos. Por isso, a escola é um espaço rico de desnaturalização e problematização de práticas culturais que apontam para o preconceito, a discriminação e a intolerância. (GUIMARÃES; EGGRES; MELO; MEINERZ, 2015, pp. 41)

Ou também como um espaço de reflexões sobre as relações estabelecidas no tempo e com o tempo, evidente no trabalho do pibidiano Carlos Barzotto sobre memorial escolar na Escola Júlio de Castilhos, intitulado “*Óbvio que antes era melhor*”: *a Escola Estadual Júlio de Castilhos e o Peso da Memória*, onde um determinado “passado escolar” possuía uma aura gloriosa e alimentava memórias negativas sobre a escola no presente, influenciando a relação entre passado, presente e futuro vivenciada pelos alunos.

Constituindo suas próprias práticas e discursos com base em práticas e discursos que o formaram, o ambiente escolar produz memórias, que posteriormente poderão ser interpretadas por quem quiser lhes dar significado. (...) Além disso, é importante ressaltar também que não só a instituição e o corpo docente da escola que são significativos para pensarmos as histórias e memórias da escola. Escolano (2017) e Gonçalves (2009) evidenciam a potência que tem crescido em pensar uma cultura escolar em que as práticas e discursos dos alunos e alunas também estão presentes, uma vez que eles (res)significam esse ambiente. (BARZOTTO, 2017, pp. 3)

Outro trabalho semelhante “*68 foi bala*”: *memórias da resistência Juliana à Ditadura* relatou uma atividade interdisciplinar entre as disciplinas de História e Português para trabalhar com a memória da Escola Júlio de Castilhos, porém, com a idéia de revitalizar essa memória. Já o artigo *Documentos escolares: organização e usos pedagógicos (um exercício no acervo do CAP/UFRGS)* relatou a experiência de trabalhar com a memória escolar como uma forma de auxiliar a aprendizagem por inserir o aluno na narrativa histórica.

Obviamente o uso de documentos nas aulas de História não é nenhuma novidade, servindo esses, por vezes, como mera ilustração ou “prova da verdade” de determinadas análises, e, nos melhores casos, como material provocador de reflexões e debates. Porém, queremos insistir na potencialidade do uso pedagógico de documentos escolares, seguramente menos “monumentais” que uma Carta de Pero Vaz de Caminha ou uma notícia de jornal sobre a Segunda Guerra Mundial, só para citar alguns exemplos frequentes nos livros didáticos, mas certamente ricos por dizerem respeito ao próprio espaço escolar onde transita o discente. (ROMERO; SCHMIDT; JARENKOW, 2014, pp. 4)

Além disso, demonstrou alguns questionamentos sobre a utilização de documentos históricos em sala de aula, como também, uma possível importância deles enquanto instrumentos para uma aproximação dos alunos com não somente com a História, mas também com o seu método.

É preciso, acreditamos, que o documento utilizado em sala de aula não sirva para reforçar o status de verdade da aula expositiva do professor, mas sim para promover interrogações, questionamentos sobre as condições de produção do

artefato em questão e do próprio conhecimento histórico. Isto é, problematizar as circunstâncias políticas, econômicas, sociais e culturais de surgimento, preservação e utilização dos “vestígios do passado”, lançar questões aos documentos e promover o entendimento de que esses por si mesmos não dizem nada “em absoluto”, só se tornando fontes quando interrogamos desde o presente. (ROMERO; SCHMIDT; JARENKOW, 2014, pp. 6)

Os pensamentos dos pibidianos sobre a importância da docência compartilhada evidencia que compartilhar experiências enriquece o ensino:

A docência compartilhada não é a divisão de tempo de aula entre dois ou mais bolsistas, muito menos a complementação de pontos e fatores nas argumentações de colegas. Ela é, para nós, a construção em conjunto de uma proposta disciplinar pedagógica que permeia relações entre as ferramentas teóricas do conhecimento e a aplicação de oficinas, buscar outras formas de intervenções didáticas, críticas ações de colegas, etc. . (PALERMO; PAVONI, 2017, pp. 166)

Apesar das experiências com as oficinas de gênero estarem presentes apenas em forma de resumo nos relatórios analisados e, por isso, não sendo possível aprofundar esse tema, é preciso destacar sua importância enquanto uma relação de poder presente nas escolas:

Assim, acreditamos que a importância de falarmos abertamente dessa temática em sala de aula é nítida à medida que esta representa o pleno exercício da cidadania para o reconhecimento da igualdade entre as pessoas, e que historicizar e problematizar gênero e sexualidade, é potente para a corrosão das violências e desigualdades baseadas nesses marcadores sociais. Portanto, essa oficina tem como objetivo questionar, desconstruir e desnaturalizar o machismo e a lgtfobia existentes e estruturantes em e de nossa sociedade, o que passa necessariamente, como já citado, por historicizar essas relações. (Trecho do relato da oficina de gênero na Escola Estadual Coronel Affonso Emílio Massot, pp. 2-3)

As relações entre a academia e a escola ou entre pesquisa e ensino estão presentes em muitos trabalhos dos pibidianos, demonstrando a necessidade de formas cada vez mais integradas de teoria e prática para a formação docente.

Pesquisar para criar aulas. Essa foi a base de toda a prática. Ainda que em formação, mas não menos professores, a experiência em aula serve para reforçar o estudante que ainda engatinha na carreira enquanto compartilha sua carga intelectual, ainda fresca da universidade, com os discentes e docentes da escola. Nesse trato, comunidade escolar e comunidade acadêmica encontram-se, divergem, trilham novos caminhos e constroem, mesmo que ainda

incipiente, diferentes tarefas no ensino de história. (OLIVEIRA; SANTOS; LIMA, pp. 18)

A partir disso os pibidianos decidiram relacionar os conceitos de imperialismo clássico e o atual imperialismo global com a ajuda da participação dos alunos: No trabalho *Relato de prática: falando sobre imperialismos em uma sala de aula do Colégio Júlio de Castilhos*, dos alunos Bruno Pereira e Carlos Barzotto a questão da distância entre alunos e a História se torna evidente:

Em primeiro lugar, percebemos que eles e elas – assim como a maioria das outras turmas – sentiam-se desmotivados/as com o ensino de História. Em um dado momento de uma aula, por exemplo, uma aluna suspirou ao saber que o conteúdo curricular de Grécia Antiga acabara e disse: “finalmente estamos avançando no tempo...”. A partir dessa frase e do restante das atitudes dos/das alunos/as, nos parece que eles/as se sentem demasiadamente afastados/as da disciplina histórica, no aguardo de que o estudo chegue enfim até eles. Não queremos dizer com isso que a turma 12E – ou que as outras turmas da escola – não gostem de estudar História ou da aula ministrada, e sim que não se sentem parte da narrativa criada por ela. (PEREIRA; BARZOTTO, pp. 3)

Análise dos referenciais teóricos e conceitos utilizados nas produções bibliográficas

Além dos referenciais teóricos mais utilizados (Figura 3), gostaria de destacar outros que foram importantes para os conceitos tratados pelos pibidianos: Frantz Fanon e Maria Bergamaschi para os temas étnico-raciais; e Joan Scott, Michele Perrot e Guacira Lopes Louro para as questões de gênero.

Identifiquei alguns trechos para exemplificar três aspectos importantes e que são recorrentes nos trabalhos dos pibidianos. Em primeiro lugar, o reconhecimento das relações de poder no ambiente escolar:

Voltando-me no ambiente escolar, me parece interessante pensar que a formação de alunos e alunas também é constituída por essas memórias – tanto as internas quanto as externas da instituição. Essa constituição é, além disso, permeada por relações de poder, que buscam determinar o que é e que não é verdade sobre a instituição, e o que deve e o que não deve ser lembrado, podendo ser vistas, inclusive, como relações de saber-poder (FOUCAULT, 1988). (BARZOTTO, Carlos, 2017, pp. 6)

Em segundo, a importância da docência compartilhada:

Quando Thompson (1981, p.56) reflete sobre como se constrói conhecimento histórico, esclarece que investigamos o passado ao mesmo tempo em que estamos imersos nele. Nestas páginas, analisamos fatos que vivenciamos, mas isso não significa que abandonamos o desejo de explicar e de compreender. A impossibilidade de separar teoria e prática ficou muito clara para nós. Também se evidencia a dificuldade em promover oportunidades de formação de professores que proporcionem conjugar historiografia, ciências da educação e didática específica, que são estudadas de uma forma separada dentro da Universidade. (SEFFNER; PACIEVITCH; LUVISON, 2014, pp. 5-6)

Em terceiro, o reconhecimento do aluno enquanto sujeito:

De acordo com Dayrell compreendemos os jovens que chegam à escola como sujeitos socioculturais, os quais, enquanto indivíduos, possuem uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamentos e hábitos que lhes são próprios. Ao procurarmos superar uma visão estereotipada e homogeneizante de aluno, buscamos passar essa mesma visão para as crianças, através dos brinquedos e suas historicidades. (GUIMARÃES; EGGRES; MELO; MEINERZ, 2015, pp. 43-44)

Figura 3 - Referenciais teóricos mais utilizados nos trabalhos

REFERÊNCIAS	EIXOS TEMÁTICOS EM QUE FORAM APLICADAS	QUANTIDADE
Aníbal Quijano	Étnico-racial; relato de experiência	3
Ana Maria Monteiro	Memorial escolar; relato de experiência	3
Carla Meinerz	Relato de experiência; étnico-racial	2
Carmem Gil	Memorial escolar; relato de experiência; Étnico-racial	3
Carmem Anhorn	Memorial escolar; relato de experiência	2
Cora S. Copstein	Memorial escolar; relato de experiência	2
E. P. Thompson	Relato de experiência	2
Jacques Le Goff	Fontes históricas; interdisciplinaridade	2
Juarez Dayrell	Étnico-racial; relato de experiência	2
Fernando Seffner	Fontes históricas; interdisciplinaridade; relato de experiência	3
Michel Foucault	Memorial escolar; interdisciplinaridade; fontes históricas	3

Nilton Mullet Pereira	Memorial escolar; interdisciplinaridade	2
Walter Benjamin	Interdisciplinaridade; relato de experiência	2

Fonte: Elaboração da autora a partir de dados retirados dos relatórios anuais do subprojeto História PIBID/UFRGS

Considerações finais

A partir da análise da produção bibliográfica realizada pelos integrantes do subprojeto História PIBID/UFRGS, entre os anos de 2014 e 2018, foi possível refletir sobre as experiências vividas pelos pibidianos em sala de aula. Os artigos e relatos de experiência demonstram os questionamentos que surgem nesse início de docência, onde a realidade de ser professor (a) finalmente se faz presente. Além disso, foi possível pensar a trajetória da prática docente numa conjuntura maior utilizando como referência as considerações sobre a problemática do ensino de história no Brasil na década de 90, da professora Elza Nadai.

Sendo assim, usando o texto da professora Elza Nadai, supramencionado como referência, foi possível fazer uma leitura dos textos dos pibidianos, durante os quatro anos analisados, sob uma perspectiva de análise da trajetória do ensino de história nas últimas décadas no país, visando perceber se as problemáticas da década de 90, apresentadas pela autora, na relação ensino de história x pesquisa ainda subsistem nas práticas docentes atuais.

Com base na perspectiva exposta acima, escolhi trechos dos trabalhos dos pibidianos em que fosse possível observar algumas das problemáticas apresentadas por Nadai: a) existência de um saber escolar que possui lógica própria e se relaciona com um ou vários poderes (partido, estado, igreja) e que influenciam na definição dos objetivos e o conteúdo do ensino nas escolas; b) a constatação de que “ensinar História é também ensinar o seu método” e por isso a necessidade de “ensinar a pensar (refletir) historicamente” ao invés ensinar somente conteúdos; c) a “superação da dicotomia ensino e pesquisa”; d) “viabilizar o uso de fontes variadas e múltiplas, com o objetivo de resgatar discursos múltiplos sobre temas específicos”. (NADAI, 1993, pp. 159-160)

Tendo em vista essas problemáticas e a análise realizada dos trabalhos dos pibidianos foi possível verificar que as atividades do subprojeto História PIBID/UFRGS dão continuidade no processo de supressão das problemá-

ticas apresentadas pela autora mencionada, na medida em que deparei da leitura dos relatórios que serviram como amostragem que há empenho dos alunos-docentes em abordar metodologias e didáticas que visem a superar os desafios do ensino de História no Brasil.

Referências Bibliográficas

COSTA, Gabriel; BAHLLIS, Marcelo. **Você e o museu:** objetos, história e memória. Artigo submetido para publicação nos anais da XX Jornada do GT de Ensino de História da AN-PUH/RS, 2014.

DE LIMA, Gabriel T.; LAUXEN, B. J. ; AZEVEDO, L. P. ; GRISA, L. . '68 FOI BALA': MEMÓRIAS DA RESISTÊNCIA JULIANA À DITADURA. In: **XX Jornada de Ensino de História e Educação: 20 Anos de Pesquisa em Ensino de História**, 2014, Rio Grande. Caderno de Resumos 3 a 6 de novembro de 2014. Universidade Federal do Rio Grande - Furg. Rio Grande: FURG, 2014. v. 1. p. 71-72.

GUIMARÃES, André; EGGRES, Leonardo; MELO, Roberta; MEINERZ, Carla. **Pensando outras perspectivas de história e a diversidade cultural através do brinquedo e das brincadeiras em diferentes espaços-tempos.** Identidade! São Leopoldo, v.20, n.1, p.38-50, jan./jun. 2015.

LUVISON, F. e TRAVI, O. K. “Nacirema – América: Impactos do PIBID na formação continuada de docentes e licenciandos a partir de trabalho na Escola Técnica Estadual Irmão Pedro/Porto Alegre”. In: COSTELLA, R. Z.; HOFSTAETTER, A; STURM, I. N. e UBERTI, L. (Orgs). **Percursos da prática de sala de aula.** São Leopoldo: Oikos, 2016. pp. 155-164.

NADAI, Elza. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História:** São Paulo, v.13, n° 25//26, pp. 143-162, set. 92/ agos. 93.

OLIVEIRA, B. R.; SANTOS, D.; LIMA, G. T. Música Negra como Resistência: África, Brasil e Estados Unidos. In: **XXI Jornada de Ensino de História e Educação, 2015, Caxias do Sul. XXI Jornada de Ensino de História e Educação**, 2015. v. 2. p. 749-768.

PACIEVITCH, C. e TEIXEIRA, I. S. “Coordenação de área no PIBID – Subprojeto História UFRGS: duplos caminhos na formação docente”. In: COSTELLA, R. Z; HOFSTAETTER,

A; STURM, I. N. e UBERTI, L. (Orgs). Percursos da prática de sala de aula. São Leopoldo: Oikos, 2016. pp. 143-154.

PALERMO, G. L.; PAVONI, M. P. . PIBID - História: Políticas Higienistas e o caso da Colônia Africana de Porto Alegre. O ensino de história pela análise de fontes. In: **PIBID em movimento: trânsitos e mixagens na formação inicial e continuada da docência** / Organizadoras Andrea Hofstaetter, Luciane Uberti e Roselane Zordan Costella. – São Leopoldo: Oikos, 2017.

ROMERO, A.; SCHMIDT, B. B.; JARENKOW, C.; BUCHOLZ, J. P.. Documentos Escolares: organização e usos pedagógicos (um exercício no acervo do Cap/UFRGS). **Aedos**: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS (Online), v. 7, p. 79, 2015.

SEFFNER, Fernando; TRAVI, Otávio Klein; FRAGA, Cassiano. **Política, História, Ídolos e Cultura Escolar**: Opiniões de estudantes da Escola Técnica Estadual Irmão Pedro – Porto Alegre. Artigo submetido e apresentado na XX Jornada do GT de Ensino de História da ANPUH/RS, 2014.

TEIXEIRA, Igor S.; PEREIRA, Nilton Mullet. “Idade Média nos currículos escolares: as controvérsias nos debates sobre a BNCC. In: **Diálogos** v. 20 n. 3 (2016), 16-29, 2016.